

Filosofia¹

Tempo: 64'17''

Murilo Ferraz Franco e Marcos Carvalho Lopes

Murilo: Olá, esse é o Filosofia Pop, eu sou o Murilo Ferraz e aqui conosco está o Marcos Carvalho Lopes.

Marcos: Eu estou aqui escondido, esperando a essa introdução com dicção de locutor.

Murilo: Esse aqui é o primeiro Filosofia Pop que a gente está gravando. Eu acho que não vai ficar muito legal, é um episódio piloto. Provavelmente vai ficar tão ruim que a gente nem vai publicar, mas se você estiver ouvindo isso é porque ele foi publicado e não ficou tão ruim assim.

Marcos: Não, ou às vezes, a pessoa não tem o senso de ridículo, né?

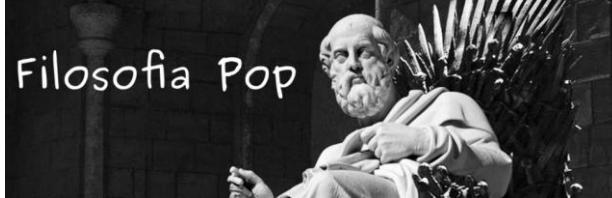
Murilo: Então, pode ser isso também, que a gente não tem tanta vergonha assim, como a gente achou que tinha de passar vergonha e está publicando esse podcast tão ruim pra vocês ouvirem...

Marcos: E criticarem, né?

Murilo: É pra criticarem que é o principal. Essa primeira experiência que a gente tem com podcast. Eu acho que a gente pode melhorar muito ainda, tá bem... pra começar a girar as coisas e tal, mas eu acho que a ideia é a gente tentar trazer a Filosofia pras pessoas que não têm contato ainda com nada disso. Eu acho que essa é a ideia principal.

Marcos: É, eu acho que eu não discurso muito articulado, nesse caso, a gente foi falar de Filosofia e do significado da palavra filosofia e acabamos debatendo até o sentido apocalítico desse termo. Então essa ideia de você começar a conversar sem uma articulação do discurso pode ter uma vantagem, mas ai você tem também problemas. Eu não vou me autocriticar [em sentido de autodepreciar], eu vou dizer que foi legal porque...

¹ Essa é uma transcrição (sem revisão de conteúdo ou de vícios de fala) do primeiro episódio do podcast filosofia pop (filosofiapop.com.br).



Murilo: Foi legal pra uma primeira vez, mas assim, a gente está tentando aqui encontrar um formato, que não consegui ainda tão bem, estamos começando. A ideia inicial do nosso podcast é começar as nossas discussões a partir de uma palavra, e a palavra escolhida pra esse primeiro programa foi “filosofia”. A gente teve um papo bastante longo sobre a palavra, começou com significados e tal e se estendeu muito, sobre o que é Filosofia, sobre porque que ela serve e sobre... Se estendeu muito até o papo, bem mais do que eu achei que ele ia se estender, não é verdade?

Marcos: É pra isso que a gente tem editor.

Murilo: Exatamente.

Marcos: Ele não vai se estender tanto, eu espero que você corte várias questões aí, principalmente as comprometedoras. Mas pra primeira conversa, eu acho que funcionou, o áudio, acho isso importante.

[risos]

Murilo: Legal. A gente vai tentando encontrar um formato melhor e tentando melhorar sempre, mas acho que o importante é começar também, né?

Marcos: Eu acho que o segundo podcast que a gente for fazer vai ser o Filosofia a Missão porque...

[risos]

Murilo: Enfim, vamos começar aí o papo, a gente vai... não se alongar muito nessa introdução, vamos começar falando sobre a Filosofia.

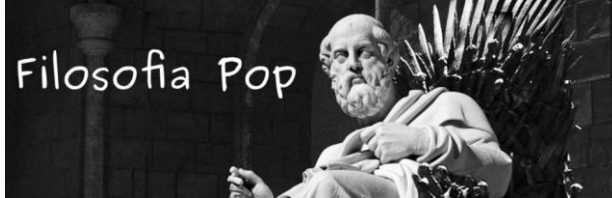
[música]

Murilo: Bom, a palavra que a gente escolheu pra hoje é filosofia. O que que significa? O que que é a palavra filosofia?

Marcos: Pois é, aí você fala assim, “o que significa?” e depois “o que que é?”.

Murilo: Ah, tem diferença então?

Marcos: Tem. Quando você fala “o que significa”, significa, por exemplo, “O Vasco da Gama agora contratou um técnico, Doriva, e a Filosofia de jogo é o ataque”, até porque ele está jogando carioca, né? Então falar o que significa no cotidiano é uma coisa. No cotidiano, quando uma pessoa fala que alguém “tá filosofando” é porque não está tendo repercussão prática daquilo que diz, a conversa dela está fora da aplicabilidade. Mas você pode falar de filosofia de jogo, de que a pessoa tem a sua filosofia de vida. Isso tudo é significado da palavra. Eu acho até importante isso porque, geralmente, a gente pressupõe que a palavra filosofia tenha o mesmo significado ao longo do tempo. Não é verdade, né?



Murilo: Sim, tem diferentes definições, mas existe alguma definição dentro da Filosofia que é assim, é mais aceita? A correta ou não?

Marcos: Não, eu acho que a única coisa que o pessoal concorda é que a palavra filosofia vem do grego.

[risos]

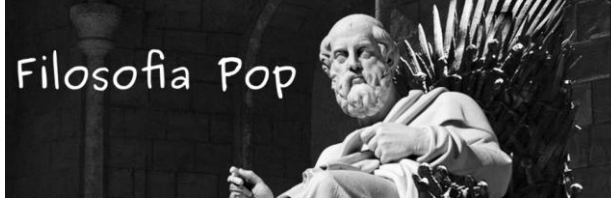
Marcos: Nisso daí concordam, com alguma reticência, que eles vão falar “não, a origem da palavra, a etimologia hoje é uma disputa muito curiosa.” Mas a origem da palavra filosofia você tem um prefixo *philia* que é amizade, aí você junta *sophia*, que é sabedoria. Então a amizade à sabedoria ou amor à sabedoria. Há uma diferença de tradução aí que não modifica o sentido, que é o sentido de alguém que se sente incompleto e vai à procura dessa completude. O filósofo seria aquele que se opõe a quem se diz sábio. O sábio não precisa procurar nada porque ele já sabe. Então o filósofo é aquele que conversa com o outro, procura o outro, vai pra sociedade dialogar em busca de saber. Só que é engraçado, porque você pode ser amigo de... ou você amar alguém não significa que a pessoa vai te amar de volta. Então você pode ser amigo da sabedoria e a sabedoria não ser sua amiga.

Murilo: Pode ser que você não tenha encontrado nada, né...

Marcos: Pode ser que você, o tempo todo, esteja falando coisas que não correspondam a conquista nenhuma, mas o jogo da Filosofia é um jogo de contínua tentativa. Esse significado de amizade à sabedoria, de amor à sabedoria talvez seja o que todo mundo concorda mais ou menos. Vai falar: “oh, esse é o significado grego da palavra.” Mas a etimologia geralmente só serve pra turvar as águas, ela não te dá o acesso à essência de nada. Por exemplo, o que é a sabedoria então? Em que essa sabedoria se diferencia da Religião? Durante muito tempo a diferenciação entre Filosofia e Religião não foi relevante, nem mesmo a diferença entre Filosofia e vários ramos do que a gente chama de Ciência.

Murilo: Hoje, inclusive, essa coisa de Filosofia e Ciência, acho que tem muito... até muita discussão da validade de hoje da Filosofia, e meio, por exemplo, até em alguns debates, pessoas importantes da Academia, assim, importantes na área da Ciência rebaixando a Filosofia, reduzindo o valor dela. Tem muito esse embate também hoje em dia, né?

Marcos: Sim, aí fazendo um panorama muito grande da História, a gente pode falar assim, que a Filosofia e a Ciência nasceram juntas, ou a Ciência nasceu da Filosofia, em uma certa narrativa, em oposição a Teologia. Isso vai até o Século XVIII, XIX. Aí você tem uma mudança de termos, você vai ver que a Ciência se torna independente e a Ciência se opõe à Religião. A Filosofia fica meio perdida nesse jogo. Hoje, você vai ter filósofos que aproximam a Filosofia, tentam aproximar a Filosofia da Ciência, e outros que tentam aproximar a Filosofia da Religião. Então se você pensa a sabedoria como a sabedoria da Ciência, a Filosofia vira um jogo de tentar se aproximar do tipo de saber, do tipo de certeza das ciências, principalmente das ciências exatas porque esse é o modelo. Desde Platão, nesse sentido, você tem o modelo de procurar se igualar à Matemática, mas se você pensa a partir da Religião. Aí a coisa fica um pouco mais aberta e você não vai poder falar,



por exemplo, que não existia Filosofia no Oriente Médio, você não pode falar que a Filosofia Oriental não é Filosofia. Por que no Egito não haveria Filosofia? Não tem uma justificativa.

Murilo: Pois é, mas aí caiu naquela... aí você falou: por que em tal lugar não existia Filosofia? Tendo que definir muito bem o que é Filosofia e o que não é.

Marcos: Isso.

Murilo: Qualquer coisa que você está buscando conhecimento é Filosofia? Então fica um pouco nisso, né?

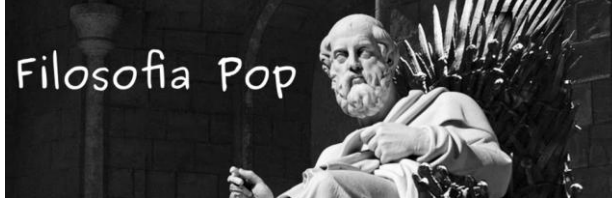
Marcos: Fica um pouco nisso. A desculpa que tem pra definir que a Filosofia é grega é aquela de que a palavra filosofia surgiu na Grécia. Então antes da existência da palavra você não teria a possibilidade de fechar a prática, fechar o significado da prática. Então se existe algum tipo de manifestação próxima à Filosofia ela não foi sistematizada. Eu acho que essa justificativa talvez não seja suficiente porque o fato de não existir a palavra talvez não signifique que não tenha existido o hábito. Acho que o mais relevante é que o jogo de pedir e da razão, que é o jogo que a Filosofia pede, de você ter uma tradição que debate entre ela, não tendo acontecido em outro momento, em outra sociedade da mesma forma que aconteceu na Grécia Antiga. Geralmente, eles já tinham os sábios e o que os sábios diziam era Verdade, não tinha um debate entre eles, não havia uma disputa onde a sociedade, de alguma forma, ia definir quem estava com a razão, né?

Murilo: Mas depois, o próprio filósofo, ele não se coloca também nessa posição de dizer, assim, que ele está mais próximo de alguma [Verdade]...

Marcos: Sim.

Murilo: Alguma verdade e é ele que se torna o outro sábio? E aí quem que é o filósofo então, se ele próprio se coloca nessa de que não era mais o filósofo, que era o sábio?

Marcos: Pois é, aí você tem uma ambiguidade muito grande que é a ambiguidade que se faz [necessária]. Geralmente, os grandes nomes da história da Filosofia têm uma ambiguidade muito grande. Por isso que são grandes. Se eles fossem pessoas simples eles não seriam interessantes. Então na mesma medida em que o Platão coloca a Filosofia, descreve a Filosofia como um debate contínuo que você tem que estar presente junto com a pessoa que você está debatendo, desvaloriza os livros, etc. porque os livros não podem te responder diretamente; da mesma forma que ele coloca a Filosofia como algo vivo, em alguns momentos, em alguns textos, o filósofo como tendo acesso a algo incomensurável, assim, algo que não se mistura com o restante da sociedade. E a Filosofia dele, em muitos momentos, se parece com a Religião, talvez até por influência de Pitágoras, dos pitagóricos que eram religiosos realmente. Essa ideia da Filosofia ter um acesso especial à verdade justifica o poder que ele estava reivindicando pra Filosofia. Talvez sem esse tipo de ilusão ele não tivesse conseguido arranjar tantos adeptos pra escola dele e não tivesse montado o seu próprio lugar. De certa forma, você tem essa ilusão original. Isso é o mito da caverna. Eu acho que não tem como fugir de falar da alegoria da caverna na verdade.

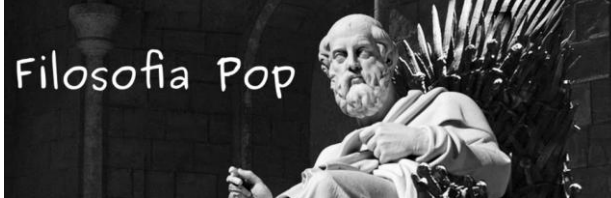


Murilo: Sim, ele coloca o filósofo como tendo acesso a alguma verdade que os outros não têm. Mas assim, dentro da história da Filosofia há quem critique isso também, essa ideia, e vai propor outras interpretações sobre o que é Filosofia e quem é o filósofo. Ou não?

Marcos: Sim, sempre vai ter esse jogo de você disputar o lugar de quem vai dizer o que é a verdade. Ai que tá, você diz que o outro não está dizendo, realmente, o que é o realmente real e você se coloca no lugar dele. A grande sacada da Filosofia, o pulo do gato da Filosofia é o mesmo da Religião Cristã, você tem Sócrates como a figura que não escreveu nada e encarna o que deveria ser Filosofia. Da mesma forma que você tem Cristo como o cara que viveu o que deveria ser o amor a Deus, mas ele nunca escreveu nada. Então todo mundo deve imitar Cristo, mas você não tem indicação de onde está o jeito certo de imitá-lo. Na Filosofia, todos aqueles que pensam a Filosofia como forma de vida levam em consideração a ideia de que Sócrates foi quem primeiro viveu a Filosofia. Platão a escreveu, mas a vida filosófica é o protótipo, é Sócrates. A disputa é pra ver quem segue de forma mais próxima a Sócrates. É engraçado isso porque quando Nietzsche critica o platonismo ele critica muito mais Sócrates do que Platão, porque ele coloca Sócrates como o grande sedutor. Sócrates que seduziu Platão, Platão tinha a capacidade literária muito grande, Sócrates não. Então o grande inimigo dele é Sócrates porque o grande lance, o grande jogo é aquele: como criticar a tentativa dos filósofos de se colocarem como padrão pra humanidade sem se colocarem a si mesma como padrão?

Murilo: Mas assim, você está falando ai do Sócrates, do Platão, mas tem muita gente que pode ouvir o que a gente está falando aqui e não sabe nem do que a gente está falando, assim, quem são o Sócrates e quem que era o Platão, como seria essa imitação? Ele queria imitar quem? Quem que é Sócrates já que ele não deixou nada escrito?

Marcos: Bem, o Sócrates é considerado nas narrativas padrão da história da Filosofia como o criador da Filosofia. Ele que trouxe pra Filosofia a proposta dos problemas éticos e políticos. Ele foi o primeiro também a formular questões conceituais, como o que é a virtude? O que é o conhecimento? Pra essas questões ele nunca dava uma resposta definitiva, o que a gente sabe é que ele incomodava as pessoas fazendo perguntas e mostrando como as pessoas achavam que tinham conhecimento e não tinham conhecimento. Esse tipo de postura do Sócrates acontecia na praça de Atenas, ele vivia fazendo isso com todas as pessoas, tanto as autoridades, quanto as pessoas mais humildes. Uma das coisas que relatam é que a linguagem dele era a linguagem da população, uma linguagem mais popular. E os exemplos dele, às vezes, eram considerados vulgares, mas o jogo dele era esse, você perguntava pra pessoa sobre um conceito, por exemplo, você pergunta pra alguém que trabalha como juiz, que deveria saber o que é justiça, pergunta o que é justiça e pessoa não vai te dar uma definição coerente, te dá uma definição depois que você faz algumas perguntas pra ela, ela percebe que a definição dela não se aplica a todas as coisas. O Sócrates vai incomodar muito a sociedade ateniense, vão acusá-lo de estar desvirtuando a juventude, corrompendo a juventude, criando novos deuses também, né? Porque não cultuaria os deuses da cidade. Ele não se defende da acusação no grande discurso que ele faz na defesa de Sócrates, apologia de Sócrates escrita por Platão. Platão descreveria como teria sido a defesa do Sócrates. E não a defesa propriamente, ele diz o que ele fazia e ele fala: “não, a sociedade devia até me honrar porque eu estou tentando



ajudar as pessoas, ao invés de me condenar à morte deviam me dar uma pensão vitalícia.”

[risos]

Murilo: Dar uma aposentadoria aqui que eu estou...

Marcos: Pois é. Como se ele fosse alguém que tivesse ganhado as Olimpíadas, alguma coisa assim, né? Ele acaba condenado à morte bebendo o veneno, bebendo a cicuta.

Murilo: Ou seja, o Sócrates devia ser chato pra caralho, né, porque ele ficou enchendo o saco de todo mundo até o pessoal matar ele.

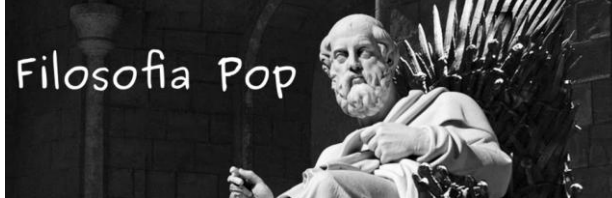
Marcos: Pois é, e até na morte ele estava fazendo piada, né? Dizem que... a Xantipa era a esposa do Sócrates, e a Xantipa sempre é retratada de forma pejorativa nos diálogos de Platão. Até porque Platão era um... ele não conviveu muito tempo com Sócrates, não deve ter convivido muito tempo, no máximo sete anos, mas o Platão sempre é visto como alguém que é apaixonado por Sócrates, e toda vez que ele retrata a mulher de Sócrates retrata ela mal, então ela aparece no final do diálogo, do diálogo não, isso é uma fofoca, né? Dizem que a Xantipa chegou no diálogo e falou pra Sócrates: “Sócrates, me diz como, você foi condenado injustamente?” Ai o Sócrates responde: “mas você queria que eu fosse condenado justamente?” O Sócrates sempre apela pra algum tipo de lógica da linguagem e sempre faz um jogo pra que a pessoa pense ou repense as suas crenças. Por isso que ele diz, durante a Apologia Sócrates diz que uma vida não examinada não merece ser vivida. Então, nessa descrição, você colocar em questão sua vida, colocar em questão os seus valores é fazer Filosofia. Aceitar as coisas como são dadas simplesmente, sem pensar nelas é desperdiçar a sua própria existência. A vida digna é aquela vida que é pensada. Então a Filosofia, ela estava apontando pra vida como uma construção, você devia construir a sua própria vida, né? Todos os filósofos que pensaram Sócrates, como exemplo, vão pensar a Filosofia como modo de vida. O mais importante é construir uma vida que seja digna.

Murilo: Mas ai se o mais importante é construir uma vida que seja digna, o mais importante então não é aquela busca por conhecimento nem nada disso?

Marcos: Pois é, pra o Sócrates e todo... pra Platão, Aristóteles, você ter conhecimento é uma forma de errar menos, é aquela história do intelectualismo, a pessoa que sabe não age de forma diferente daquilo que sabe. Você pensar que se alguém tem uma formação melhor que a outra vai ser uma pessoa mais ética do que a outra, ela tem uma formação universitária então é mais ética do que a pessoa que não tem a formação universitária. Isso a gente sabe que é uma mentira, né?

Murilo: É furada até mesmo na parte se o cara tem uma formação ética mais do que os outros, ele só sabe o que é mais certo, mas não quer dizer que ele vai agir de acordo com aquilo.

Marcos: Isso a gente aprendeu, mas os gregos acreditavam nesse tipo de relação, quanto mais você tem acesso à verdade mais você vai agir de acordo com aquilo que você conhece, mas não... a gente aprendeu bastante, com certeza, isso não acontece do jeito que eles



esperavam. Se fosse assim o rei o filósofo, o rei sociólogo tinha dado certo.

[risos]

Murilo: O presidente sociólogo.

Marcos: O presidente sociólogo. O presidente sociólogo seria mais sensível às questões sociais do que o presidente operário. Por exemplo, a ideia do intelectualismo está na base da Filosofia, da própria valorização da Filosofia. A ideia de que algo que não é reflexivo não tem valor também. Muitas vezes, os filósofos fazem esse tipo de discurso: “ah, mas isso não te leva a pensar então não é bom.” Calma ai, não é bem assim, né? O intelectualismo está errado, a gente tem que aprender o tempo todo, pra Filosofia, hoje em dia, é necessário o tempo todo estar atento pra não cair de novo no intelectualismo. Porque, de novo, você vai reivindicar que se você estudar Filosofia, se você tiver um conhecimento sobre Filosofia, você vai agir de forma melhor do que as outras pessoas. Isso não é certo, isso não é automático, mas, com certeza, você colocar em questão as suas próprias crenças pode ser uma forma de autoaperfeiçoar.

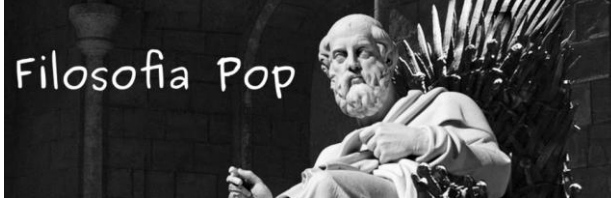
Murilo: É, mas uma coisa é eles lá, o Platão e o Sócrates, no começo na Grécia olhando pra isso, tentando criar o início disso tudo. Não tentando, mas, assim, talvez não fosse intencional, enfim, outra discussão. Mas, hoje, a gente olhando pra trás, pra tudo que já se foi de Filosofia, eu acho que é possível você justificar qualquer conduta, dependendo de qual linha, de qual filósofo você vai escolher pra justificar isso. Ou estou errado, assim, nesse sentido?

Marcos: Oh, acho que é possível você pensar que cada filósofo tem na sua Filosofia uma reflexão do seu próprio carácter, então você vai se aproximar mais de um filósofo do que de outro. Essa é uma perspectiva, por exemplo, do Nietzsche ou do William James, como se a Filosofia fosse um sintoma, você vai procurar essa sabedoria pra te completar porque você se sente incompleto, mas é sempre uma fuga da vida. Só que o curioso é que você procura aquilo que te falta, então você idealiza um tipo de comportamento que você não tem.

Murilo: Sim, sim.

Marcos: Então, por exemplo, você falar: a forma de vida correta é essa. Você vai olhar na história de vida da pessoa talvez ela não tenha sido... ela não tenha tido aquela vida que ela está descrevendo, mas o ideal dela é aquele.

Murilo: É, mas não só... sim, mas de você pensar assim: não, pra mim, por exemplo, tal conduta é ruim ou é uma coisa má, ruim de se fazer, mas algum pensador, usando de outros caminhos de pensamento vai dizer que não, que aquilo lá é o correto e que é o bom, o jeito correto é aquele. Então assim, dependendo de quem você escolhe pra justificar as suas ações você pode agir de qualquer forma. Existe alguma forma de você falar: “essa conduta aqui, essa forma vai ser a certa e aquela lá não, não é a certa?” Ou seja, a gente avançou alguma coisa nessa busca do conhecimento?



Marcos: Não, aí você fala assim: “você avançou alguma coisa na busca do conhecimento ético?” Vou separar as coisas assim, porque essa questão do certo e do errado, talvez a gente tenha avançado bastante, mas não tem avançado através da Filosofia, talvez a história já seja suficiente pra gente saber que, por exemplo, que o Holocausto não é uma coisa legal, você achar que você eliminar, tentar eliminar toda uma etnia não é justificável. Porque não precisa apelar pra Filosofia pra defender isso, você pode usar a História como exemplo. O tipo de debate que existia lá na Grécia antiga, em muitos casos, não vale pra o nosso momento contemporâneo, ou tem que ser traduzido e retraduzido, às vezes, de uma forma que o significado se perde. Assim, você pode falar: “olha, o Platão tinha uma ideia muito ruim de barco a vapor.”

Murilo: É, mas não só isso, por exemplo, você falou do Holocausto e o próprio Nazismo, ele tinha muita... ele buscava, pelo menos ter, uma base teórica.

Marcos: Sim.

Murilo: Ele queria se justificar de alguma forma. E, hoje, a gente olha pra trás pela História, como você diz, fala: “bom, aquele lá não era um caminho muito legal.” Mas mesmo assim ele tentava. E aí quando você fala que o filósofo, ele vai tentar achar a melhor forma de você levar a vida, mas assim, qualquer forma parece ser igualmente boa desde que você ache uma justificativa pra ela. É mais uma questão de se desculpar disso.

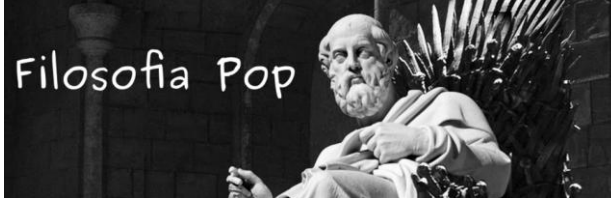
Marcos: É, às vezes você consegue razões ruins pra justificar aquilo que você acredita por instinto, né? Às vezes é melhor não se colocar em questão e tentar justificar. Mas a Filosofia pensada como forma de vida, ela não é, assim, o padrão da Academia, né?

Murilo: Sim, sim.

Marcos: Ela não é o tipo de padrão da Academia. Geralmente, na Academia, a gente pensa a Filosofia como uma atividade teórica, uma atividade de construção de sistemas, muito longe da necessidade de você ser exemplar no seu comportamento. Mas quando você coloca assim, que todos os comportamentos se justificam, eu acho que você está sendo um pragmatista sim.

Murilo: Eu estou só tentando provocar assim, se você não tiver nada como verificar alguma coisa de que aquilo lá... pode ter uma consistência interna o seu argumento, mas assim, na verdade, você está levando pra umas conclusões que na prática não vão ser muito boas, não vão ser muito...

Marcos: É, você tem que... aí a fórmula kantiana acaba sendo a mais interessante pra sair dessa enrascada. O seu modo de vida pode ser universalizável? A forma como vive poderia ser boa pra todas as pessoas? Se todas as pessoas agissem desse jeito a sociedade se manteria? Esse tipo de jogo que o Kant pedia era um jogo de imaginação, de você imaginar que o absurdo de todo mundo seguir a sua própria máxima, se aquilo poderia valer pra todo mundo. Eu acho que esse tipo de jogo já está pressuposto, por exemplo, lá no Aristóteles quando ele fala do desenvolvimento das virtudes. Ele pensa cada ser humano como uma planta que tem que desenvolver todas as suas potencialidades. Só que



existem plantas com algumas diferenças, mas as condições pra o desenvolvimento devem ser as mesmas. Eu acho que ai uma filósofa como Martha Nussbaun faz a parte da ideia de índice de desenvolvimento humano do Amartya Sen da Economia algo bem interessante, não basta a distribuição de renda, você tem que dar a condição pra que toda a pessoa desenvolva as suas potencialidades, não só condições de saúde, de educação, mas também de participar do debate social, participar do jogo da razão de forma pública. Numa ditadura você não conseguiria fazer isso. Então mesmo assim...

Murilo: E mesmo em uma democracia, às vezes, você não vai conseguir fazer isso, né?

Marcos: É, mesmo em uma democracia, muitas vezes, você não vai conseguir participar do jogo, até porque depende de qual empreiteira você é dono, de quantas vagas no Congresso você consegue comprar pra sua causa. Mas isso é outro detalhe, vamos pensar a democracia como algo que a gente está construindo ainda.

Murilo: É vamos pensar como se ela não fosse um concurso público de popularidade, por exemplo.

Marcos: É, vamos pensar se... hoje, a democracia, talvez, esteja na possibilidade que você tem de colocar coisas no Facebook e ganhar curtidas, né?

[risos]

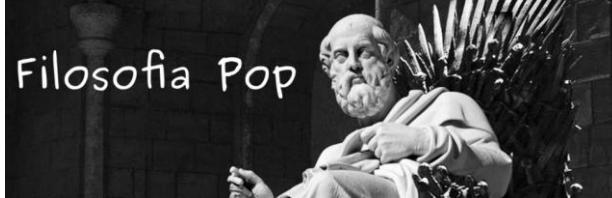
Marcos: A democracia depende da curtição do momento. Isso é também resultado... se a cultura dos gregos era também a cultura... a Filosofia surgiu no momento que a escrita estava se tornando popular. Antes a escrita não era algo tão popular, então o pessoal exigia que as coisas fossem mais universalizáveis a partir do momento que a escrita se torna mais comum. Todas as sociedades nações foram fundadas na leitura de certos livros: literatura. O fato de você compartilhar uma língua, geralmente, era o que unia uma nação. Agora a gente chegou num ponto que as pessoas não estão mais lendo nada. A partir da Segunda Guerra Mundial, a gente entrou num período de desenvolvimento da indústria cultural em que o governa a sociedade, o que governa a autocriação são canções, é a televisão, é o cinema, mas ultimamente nas últimas vinte anos a Internet vem ocupar o lugar proeminente, você vai ter os smartphones, o whatsapp etc.

Murilo: Sim, mas assim, você fala assim: "as pessoas não estão lendo nada."

Marcos: Isso.

Murilo: "Não estão mais." Mas será que não é uma visão meio distorcida de que essas pessoas que a gente, hoje, percebe que não estão lendo nada, elas ficavam sem ler nada da mesma forma, só que dentro das casas delas, não participavam de nenhum debate, ninguém ficava sabendo, e agora as pessoas têm... de uma certa forma, elas têm voz, mas as pessoas que iam ler, continuam lendo, só que elas são, como sempre foram, uma minoria que guiava isso, e agora a gente percebe os outros que não leem.

Marcos: É, eu acho que faz todo sentido, mas o que é interessante nessa história é que o



sonho do iluminismo de que se todo mundo tivesse acesso à educação, todo mundo ia votar de forma correta. Ou seja, num mesmo candidato, o candidato da razão. A educação não vai promover esse tipo de intenção, né? Não tem mais esse caminho, isso se mostrou falso também, né? Esse sonho de que todo mundo vai aceitar o mesmo de vida. Vamos colocar nesses termos: a partir do momento que todo mundo tiver educação todos vão aceitar o mesmo modo de vida.

Murilo: É que seria prerrogativa de dizer que o outro não segue a mesma linha que você porque ele conhece menos.

Marcos: Sim.

Murilo: Pobres ignorantes.

Marcos: Se ele não lê os livros, se ele fica só na Internet, ele não vai ter a ventura de saber o que é Filosofia, ele vai ser uma pessoa... O Platão fazia uma elite porque ele colocava na frente da escola dele lá: "quem não souber Matemática não entra aqui." Então ele separava uma elite. Agora a gente separa uma elite falando assim: "só nós temos capacidade de ler, nós filósofos temos capacidade ler esses textos desse tamanho aqui, esses calhamaços, ou temos a paciência de desvendar esse tipo de argumento."

Murilo: Ou de saber os palavrões lá da Filosofia, que ninguém sabe o significado e só o filósofo iniciado e que conhece, que sabe o significado daquelas palavras.

Marcos: É, talvez assim, isso é uma coisa que aumenta bastante a autoestima sim, eu me sinto assim até mais importante quando eu...

[risos]

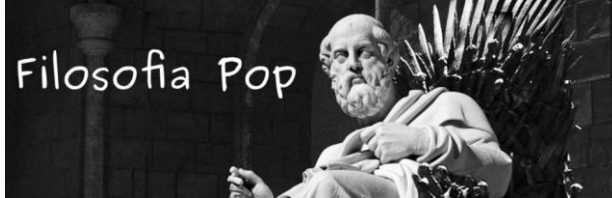
Marcos: Mas eu, realmente, não sei tantas palavras, tantos palavrões assim, então...

Murilo: Mas a Filosofia é povoada de palavrões, que, pra quem não é iniciado... olha aquilo e [diz]: "não sei nem o que é essa palavra."

Marcos: Não, mais que os palavrões, às vezes, você não sabe pronunciar o nome do filósofo que você tem que... Foucault [fucô] , o nome dele quando você olha da forma escrita: "Foucault". Pô, em português escrito você não vai saber: Rousseau, Russô, Hegel, Réguel. Não são... a pronúncia, às vezes, varia da Europa pra América, entre Alemanha e França.

Murilo: É, mas o nome do filósofo, pelo menos, você ignorar ele e continuar entendendo a ideia, né? Agora, tem uns que parecem que escrevem em um código alí de jargões próprios da Filosofia, que escrevem só pra iniciados. Você pode até saber o nome do filósofo, mas se você for tentar ler ele você não vai entender nada se você não for iniciado, se você não souber as palavrinhas mágicas.

Marcos: Mas eu acho isso ai qualquer área tem isso, né? Se você me der um manual de



informática, de programação, também você vai ter esse tipo de jogo. Acaba sendo uma atividade de educação física, você vai aprendendo a dominar, jogar com aquelas peças ali, aquilo vai fazendo sentido pra você. É uma coisa que é importante pra gente justificar também nossas especialidades, especializações, né?

Murilo: Mas a Filosofia não teria que se propor a ser mais clara até porque é por causa da busca do conhecimento e você até conseguir passar esse conhecimento pros outros? Ou não, essa não é uma necessidade que todo mundo vai ter uma...?

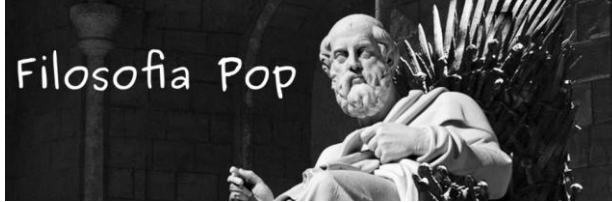
Marcos: Olha, eu acho que foi [o Ernest] Tugendhat que falou que a clareza é a cortesia do filósofo. Me parece que foi o Tugendhat que falou isso. Ele está certo, às vezes, os filósofos não são muito corteses, não tentam ser claros. Mas, muitas vezes, o tipo de ideia que eles estão querendo expressar, elas não permitem um tipo de linguagem comum, um tipo de linguagem que seria próximo ao cotidiano. Eles não têm acesso a isso em primeira mão. Por isso que é necessário que os intérpretes tentem esclarecer os que eles [, estes filósofos,] tentaram mostrar. É como se você tentasse traduzir algo novo conceitualmente. Talvez, a linguagem se mostre imprecisa ainda de início, você se mostre gaguejando, dizendo a coisa de forma difícil. Aos poucos as pessoas vão entendendo e a coisa vai ficando mais fluída.

Murilo: É, mas assim, talvez se o cara tentar explicar demais e chegar num nível mais coloquial, quando ele conseguisse já não seria mais aquela coisa que ele estava tentando explicar, né, uma coisa que ficou tão esmiuçada que já não tem mais nada a ver com aquele conceito inicial que ele estava tentando passar, né?

Marcos: É, eu acho também que se você pensar na explicação, na diminuição do que ele está dizendo pra algo mais simples você pode perder todo o raciocínio. Os clássicos da literatura, do cinema, tudo que a gente chama de clássico, sempre ele estimula que você escreva mais sobre eles e não menos. Eles não se reduzem, eles sempre têm algo, uma complexidade maior, ou a gente vê mais textos e mais coisas e tornam mais complexo. Teoricamente, a coisa se torna mais complexa. Você não pode, simplesmente, chegar a uma definição e falar: "agora acabou, a gente sabe tudo sobre a obra de Platão, a gente sabe tudo sobre a obra de Machado de Assis." Esses autores pedem sempre que as pessoas revisitem a obra deles, leiam novamente e produzam mais textos. Eu acho que isso é uma postura que é comum na Filosofia Hermenêutica. A palavra hermenêutica talvez seja isso: a arte de interpretar textos e continuar interpretando.

Murilo: É um palavrão ai da Filosofia.

Marcos: É um palavrão, mas é um palavrão de contínuo. Por exemplo, a hermenêutica é uma atividade que surge com a bíblia, a bíblia nunca você termina de interpretar porque tu tem que pressupor que o jogo é um jogo sem fim, as coisas se modificam e as pessoas continuam procurando as respostas no mesmo lugar. Se o meio se modifica a resposta também e talvez tenha um sentido diferente. Quando você pensa nas obras da Filosofia como uma espécie de fonte da sabedoria toda vez você for lê-las elas vão ser lidas a partir dos problemas que você está enfrentando ou que você está tentando abordar e ai soar diferente. Agora, essa questão do simples e do complexo, ela acaba sendo um problema



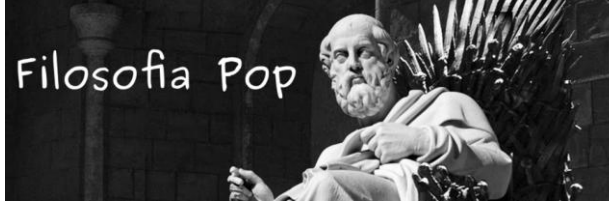
também do momento assim. Quando eu estava falando sobre a diferença da sociedade letrada, que desenvolve muitas leituras, pra uma sociedade que não se liga tanto à leitura, eu queria pensar também na diferença entre você pensar a partir da emoção e você pensar... quer dizer, pensar a partir da emoção é um oxímoro, né? Você não pensa a partir da emoção. Você agir a partir da emoção, a emoção é momentânea e assim você nem é consciente dela, ela é pre-linguística, né, ou você se move a partir de sentimentos. Os sentimentos, geralmente, estão ligados a narrativas, os sentimentos têm uma linguagem atrás deles, então os sentimentos podem se relacionar, eles podem ser racionalizados. Por exemplo, quando você pensa na emoção de aversão a quem não é um padrão que você considera, essa emoção talvez você não consiga tirar da pessoa porque é uma emoção que vem dela e não é linguística. Mas você pode ensinar pra ela que ela não pode ser racista, você pode ensinar, de uma forma narrativa, que ela pode aprender deve ter um comportamento que prejudique outra pessoa, o livre acesso ou que seja discriminatória. Isso depende de uma narrativa, não depende só de uma emoção do momento. Ela pode ser até uma emoção inicial ruim, mas não pode agir depois a partir dessa emoção. Quando o discurso simplifica, ele pode emocionar muito mais, mas talvez não produza essas narrativas, ele não tem um significado maior a longo prazo.

Murilo: Ah sim, quando eles fossem mais emotivos você fala quando ele está mais próximo das pessoas?

Marcos: É, as pessoas vão se identificar mais facilmente, mas não vão mexer com elas, não vai poder transformá-las. O jogo da Filosofia é um jogo de se transformar. Então você não tem um choque maior lendo, por exemplo, vamos dizer que O Mundo de Sofia, O Mundo de Sofia é uma introdução à Filosofia, serve todo à Filosofia, mas acaba banalizando todos os autores pra pessoa ter uma primeira introdução à introdução. E a única coisa que a pessoa pode fazer depois ler O Mundo de Sofia é jogar fora o livro ou vender pro sebo porque se ela quiser aprender Filosofia ela vai ter que ler mais os autores e vai ter que complexificar o discurso de forma muito maior. Ela não vai poder chegar nos lugares e falar: "eu conheço Filosofia porque eu li O Mundo de Sofia." A simplificação não te traz o conhecimento nesse caso, não te traz uma apropriação pessoal do conhecimento, isso vai ficar no que é comum e isso não te transforma.

Murilo: E existe esse trazer o conhecimento mesmo, assim, quando você sabe que você adquiriu o conhecimento e agora você conhece mais do que os outros? Como é que você pode chegar a isso? É uma coisa que é palpável?

Marcos: É, então, é ridículo até esse jeito de falar. Vamos dizer que você complexifica as coisas com a Filosofia, geralmente, você torna as coisas mais complicadas do que mais fáceis. Geralmente, a gente quer que as coisas sejam mais fáceis, e a Filosofia, na maioria das vezes, ela complica as coisas. Essa ideia que você pode chegar a um tipo de saber mais elevado, realmente, não se efetiva, mas vamos pensar naquele exemplo dos livros de introdução à Filosofia, eles sempre vão socializar um conhecimento que já é comum, que as pessoas consideram canônico, que não há tanto questionamento sobre eles. Mas fazer Filosofia depende de você conhecer justamente aquilo que é questionável, de você trabalhar justamente com aquilo que é duvidoso. Talvez essa seja a grande questão. Você precisa, realmente, socializar um conhecimento que é comum, as pessoas têm que ter uma



ideia básica de um saber comum, mas pra fazer ou desenvolver determinadas [perguntas] de qualquer Ciência você tem que chegar a conhecer aquilo que não é comum a todos. E talvez aí é o lugar do jargão, é o lugar de uma linguagem que não é a linguagem do senso comum. Essa complexificação torna isso necessário. Dependendo do problema que você está debatendo a linguagem pode sofrer pra tratar desse problemas. Se o problema é mais comum, geralmente, as pessoas vão tentar traduzi-las numa linguagem mais fácil. Mas uma coisa que sempre marca na Filosofia é que como a Filosofia trata de questões que todo mundo parece próximo o pressuposto é que todo mundo deveria ter o mesmo acesso àquilo que a Filosofia se propõe.

Murilo: O acesso às bases, ao básico?

Marcos: É, todo mundo poderia debater Filosofia de forma natural como não debate Matemática de forma natural. Todo mundo teria acesso a uma discussão, por exemplo, sobre o que é certo ou é errado, questões éticas seriam muito mais próximas das pessoas do que questões sobre funções ou trigonometria.

Murilo: É, mas mesmo no Filosofia você vai ter um monte de questões que não próximas às pessoas e que vão cada vez mais se distanciando.

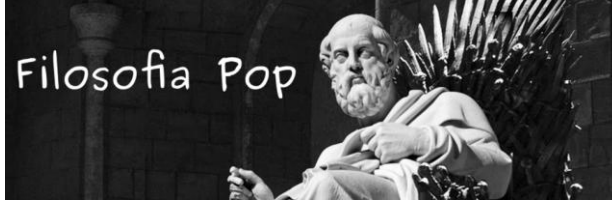
Marcos: Sim.

Murilo: E assim, uma coisa que eu fico pensando também é que quando você vai colocando todos os papéis da Filosofia parece que são coisas que, na maior parte, estão um pouco que superadas hoje, assim, que ela não tem mais... outras coisas já preenchem o espaço da Filosofia do modo que ela tinha no princípio. Qual que é o lugar da Filosofia, hoje, no mundo? Existe ainda o lugar?

Marcos: Eu tenho um lugar agora efetivo na Universidade Federal.

[riso]

Marcos: Não, mas existe lugar sim, porque se você pensar que talvez a tarefa da Filosofia no sentido lá do Hegel, o Hegel é um filósofo do Século XIX que ele vai pensar a Filosofia em termos históricos, então ele vai pensar que a Filosofia tem a tarefa de traduzir o seu próprio tempo em pensamento. Vamos colocar isso em termos mais pragmáticos. Dewey, John Dewey, um filósofo norte-americano, aí a tarefa da Filosofia está em ver o que funciona no pensamento, na linguagem. Geralmente você tem conflito entre crenças ou conflito entre linguagem a partir do desenvolvimento histórico, social, desenvolvimento de novas tecnologias. Na medida que você tem um progresso da tecnologia ou o progresso transforma os hábitos sociais, os hábitos e as crenças das pessoas. Então era preciso que as ideias também as modifiquem, que a própria noção do que é justo ou do que é correto também leve em conta essas transformações sociais. Então a Filosofia tem que fazer essa tarefa de pensar quais ciências são válidas hoje em dia, o que é possível defender hoje em dia em termos de verdade, ética? Os horizontes do pensamento se modificam a partir do desenvolvimento tecnológico e das próprias mudanças do alcance cognitivo das pessoas, da maior conexão entre elas. Eu não sei se é um exemplo legal, mas se você leva em conta



o romance, o romance vai surgindo lá no Século XVI, XVII e vai até o contemporâneo. O romance vai sempre pressupor a ideia de um personagem que sai em busca de algo. Imagina escrever um romance hoje em dia com toda a tecnologia de comunicação que existe. O espaço pra o desenvolvimento do perfil romanesco parece não existir mais. Então existe um grande problema: como fazer romances hoje em dia? Talvez o problema seja o mesmo: como fazer Filosofia hoje em dia? Tem muita coisa pra ser questionada, tem muita coisa pra ser abordada a partir de um pensamento mais localizado, mas isso continua a ser um desafio. Por exemplo, você tem cada vez mais presente o desafio de fazer uma Filosofia que pense a partir do Brasil. Mas o que significa pensar a partir do Brasil? O Brasil tem alguma especificidade que um pensamento diferente? Que diferença que é essa? Ninguém pensou nisso antes?

Murilo: é, o que identifica o Brasil? O que é o...?

Marcos: O que identifica o Brasil? Será que não são coisas sociológicas que não têm repercussão, que não seriam propriamente problemas da Filosofia? O mesmo tipo de questionamento vale pra quando você pensa em Filosofia africana ou Filosofias orientais. A ideia de universal vai sendo deixada de lado, mas o que a gente vai colocar no lugar? Como a gente vive num mundo compartilhado, todos os povos, como que a gente pode organizar a ideia de um sentido comum sem a ideia universal? Eu tentei fazer isso quando a gente estava conversando, eu apelei pra História.

Murilo: Hum hum.

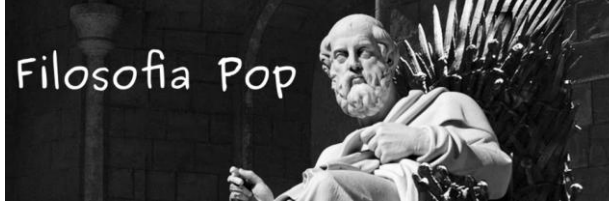
Marcos: É uma tentativa que criar uma unidade diferente daquela do pressuposto filosófico de uma alma comum. O problema é fazer isso funcionar, o problema é fazer com que as pessoas se identifiquem umas com as outras, que elas tenham um horizonte moral maior. Agora o problema talvez seja como incluir os animais no jogo dessa identificação moral. Até que ponto você vai se identificar com os animais? Até que ponto você vai incluir os animais como seres sensitivos? Você é vegetariano? Ainda não? Então você está fora da razão.

Murilo: Eu fico pensando nisso que também passa por outras áreas do conhecimento, digamos assim, que, hoje, a Filosofia tem muito mais que dialogar do que tinha antes porque praticamente não existia, era muito... a Filosofia era muito mais abrangente do que é hoje. Eu tenho essa impressão, quer dizer, quando você vai falar de animais sencientes acho que você não pode tomar esse debate sem ter algum pressuposto científico, por exemplo. Você quando vai pensar no comportamento social você não pode pensar nisso sem ter algum conhecimento ou de História ou até de Sociologia.

Marcos: Sim, sim.

Murilo: Então a Filosofia hoje parece que ela tem que dialogar muito mais com muitas outras áreas, né?

Marcos: A Filosofia parece cada vez mais ter que se desenvolver de forma muito interdisciplinar, ela parece ter que fazer chocar vários discursos pra criar discursos



diferentes, tratar de problemas diferentes. Isso depende muito do reconhecimento social desse lugar da Filosofia como lugar da criatividade. Esse reconhecimento social, por exemplo, no Brasil não existe um exemplo disso. É que os debates de bioética no Senado brasileiro, no parlamento brasileiro, não tem nenhum filósofo lá participando dos debates, mas tem representantes, lógico, das Igrejas, representantes biólogos, etc, mas o filósofo não tem lugar tradicional no Brasil de alguém que produza ou tenha um sentido prático naquilo que ela está fazendo.

Murilo: Até porque, como você mesmo já falou que a Filosofia, ela vai muito mais questionar do que responder, parece que nesse tipo de debate ela fica assim como se você tem que decidir alguma coisa é melhor deixar o filósofo de fora mesmo porque ele vai mais atrapalhar do que ajudar de uma forma mais pragmática de ver

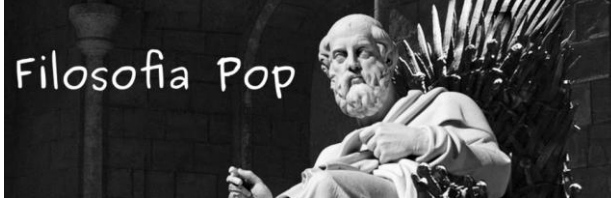
Marcos: Sim, sim. Eu sou alguém que tento ser cada vez mais pragmático. Isso é sempre um desafio porque as pessoas também estão presas em certos tipos de discursos pra que... a função dos discursos, muitas vezes, é não resolver as questões. Você volta pede o pressuposto do pressuposto e sempre pede um pressuposto antes de chegar a algum tipo de decisão. Mas voltando à questão do lugar da Filosofia, quanto mais você tem o momento emergindo minorias que reivindicam direitos, essas minorias precisam articular um discurso e esse discurso quebra o universal. Como esses discursos se dão, geralmente, é um trabalho que uma repercussão filosófica. A base filosófica não é palavra correta nesse caso. Mas um tipo de discurso que articula isso é o da Filosofia, é um dos tipos de discurso que faz isso.

Murilo: É um dos tipos, mas também... ai poderia partir de Sociologia, História também, né?

Marcos: Poderia, poderia partir de vários tipos de discursos. Talvez a vantagem da Filosofia seja essa vantagem de tentar... Essa ilusão do universal faz com que, muitas vezes, a Filosofia julgue o certo e o errado. Nossa tendência é sempre de fazer esse tipo de julgamento e a Filosofia serve de justificativa pra esse tipo de julgamento. Esse julgamento já permite a ação. Por exemplo, um antropólogo vai trabalhar muito descrevendo as coisas "como são", um antropólogo vai sempre descrever as coisas e não vai julgá-las. Por exemplo, o antropólogo pode ir no morro carioca e descrever tudo que está acontecendo lá no funk e ver os aspectos... a função social daquilo. Sempre. Um filósofo vai sempre querer julgar se isso é bom ou se é ruim, qual a consequência daquele tipo de valor e vai ter juízos parciais, mas ele vai querer fazer o julgamento.

Murilo: Mas isso também não é um problema pra você usar a Filosofia dessa forma? Porque ai você pode usar linhas de pensamento, filósofos diferentes vão ver o mesmo fenômeno de uma forma diferente, por exemplo, e vão julgar aquilo, vão dar valor diferente pra aquilo, vai valorizar de forma diferente. Então, conforme a sua conveniência, você poderia pegar a linha de Filosofia que você...

Marcos: Não, isso é o que deveria acontecer. Deveria acontecer de a gente ter debates públicos de pessoas com posições diferentes com valores diferentes. Mas isso não acontece, geralmente, você vai ter no debate público as pessoas que confirmam aquilo que você quer



que seja dito. Eu acho que a diferença de discurso, nesse caso, não é um problema. A disputa sobre valor também não é um problema. Ela é natural, essa disputa por valor faz parte de qualquer sociedade. Eu acho que a neutralidade também é impossível, é impossível você ser totalmente neutro. Então esse tipo de autoquestionamento acaba sendo uma atividade que a Filosofia faz bem. Não que outras áreas do saber não façam isso. Muitas vezes o cinema, a canção popular, as novelas foram artifícios de reflexão no Brasil, só que isso não se deu de modo explícito, né?

Murilo: Sim. E quando eles se colocam dessa forma de que eles estão se colocando como questionadores eles estão sendo filósofos também? Ou isso não seria aceito?

Marcos: A questão não é muito bem ser aceito, é que você pode ter um conteúdo filosófico, mas esse conteúdo filosófico não está explícito, ou ele se perder entre a gravação e a recepção do resultado. Você pode ter todo um conteúdo pressuposto numa música ou num filme que quando ele aparece pro público aquele conteúdo se evapora e você não tem esse significado compartilhado pras pessoas que assistiram ou que ouviram a canção. Então a Filosofia pede um jogo de pedir e dar razão. Essas obras não precisam disso. Então, muitas vezes, é necessário que um filósofo faça a tradução pra aquele gênero de discurso, e que um filósofo analise aquela obra dentro do... contextualiza ela com a Filosofia, ou que procure os pressupostos lá de quem fez pra poder perceber o que ele queria dizer, com quem ele dialogava. A presença, nesse caso, de questões filosóficas, ela, muitas vezes, vai ser necessário que alguém vá e faça esse trabalho de clarificação ou, às vezes até, de invenção.

Murilo: É, acho que nesse caso uma grande quantidade de invenção também, né?

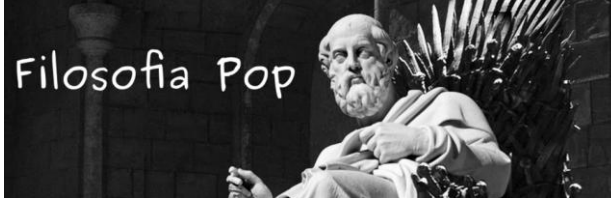
Marcos: De invenção também. Mas você acaba fazendo isso com um monte de coisa, né? A Sociologia vai lá e pega os filmes e faz análise sociológica e etc, cada área do saber vai e tenta colocar dentro do seu discurso. O historiador vai tentar mostrar o que aquilo repercutia em termos da História, do momento do país ou do momento do mundo, um filme ou qualquer narrativa. E o filósofo tem que fazer a mesma coisa, ele tem que fazer a mesma coisa, ver como os valores estão se modificando e ver como aquela narrativa pode ser índice dessa modificação de valores. Você considerar que existe pensamento, existe Filosofia em filmes, no cinema, na televisão, talvez não seja suficiente falar que existe Filosofia, você tem que mostrar, tem que descrever e tem que colocar a coisa pra circular pra que seja debatida.

Murilo: Então por que você escolheu fazer Filosofia? E o que é Filosofia pra você?

Marcos: Quando eu escolhi fazer Filosofia eu acho que eu pensava que ia ter acesso a um tipo de conhecimento que seria base pra qualquer outro tipo de conhecimento possível.

Murilo: Sim.

Marcos: Geralmente, as pessoas também consideram que a formação em Filosofia é uma formação de fundamentação pra outras áreas também. Muita gente que faz Direito faz Filosofia como complemento. Tem muito essa visão. Até porque nos Estados Unidos, por



exemplo, Direito não é um curso... não é uma graduação, Direito é uma pós-graduação. Então você tem que fazer uma base pra chegar a fazer Direito. Então muitos vão fazer Filosofia, a Filosofia acaba sendo... se justificando desse jeito. Mas essa ideia de que você poderia ter acesso a uma verdade, que você poderia ter acesso a algo que te ajudasse a ter um conhecimento direto da realidade mais fundamental é uma ilusão bem platônica. Se você ler Platão você vai ver lá que Platão está te prometendo isso. Então Platão é sedutor por isso, porque ele promete: "olha, você vai chegar aqui à verdade, é aquilo que você procura, uma verdade que seja eterna e imutável." Tem uma fase da adolescência que parece que todo o adolescente procura esse tipo de comportamento ético das pessoas, qualquer mentira a pessoa já é considerada sempre mentirosa. Tem uma fase que o adolescente é muito chato com os pais até por isso, ele percebe que eles não são imaculados, eternos, perfeitos como ele imaginava. Então ele tem que amadurecer e perceber que as pessoas, geralmente, não são assim, elas não são perfeitas. A Filosofia de Platão, em certos momentos, na teoria das formas ela promete que existem formas perfeitas e imutáveis e que faz ciência de todas as coisas. Então você poderia, por exemplo, nesse raciocínio, ao invés de ler todos os livros de Literatura, todos os livros de História, você poderia ler os livros só essenciais, os livros que tivessem a nata do conhecimento. Essa é uma imagem que o Richard Rorty coloca sobre como ele foi seduzido pela Filosofia. A ideia é de que você vai ler só os livros de Filosofia você vai chegar à verdade. Então você não precisa ler a biblioteca inteira.

[risos]

Murilo: Mas até porque você não vai conseguir ler todos os livros que já foram publicados, né?

Marcos: Pois é.

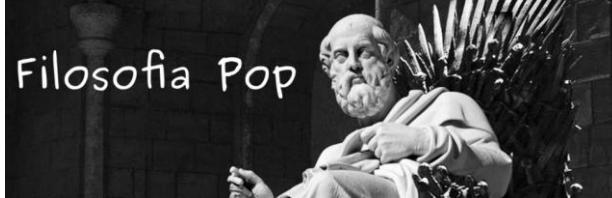
Murilo: Então você tem que partir de alguns.

Marcos: Então você vai separar só aqueles que tratam do que interessa, que são os fundamentais.

Murilo: Sim.

Marcos: E você vai ter mais poder do que todo mundo na hora de falar porque você tem acesso àquele conhecimento que é mais básico, fundante. Isso, por um lado, não é verdade mais, a gente considera hoje que a base do conhecimento é sociológica, o grupo de historiadores acaba criando as próprias regras a partir da construção da sociedade dos historiadores. Não existe uma grande regra epistemológica separando o discusso com fundamentos filosóficos daquele que não tem fundamentos filosóficos. Mas, por outro lado, você tem um padrão dentro da História, um padrão comum, de as pessoas procurarem na Filosofia esse tipo de argumentação. Então talvez você se livrou da ilusão de que a Filosofia não tem esse poder, mas a maioria das pessoas acredita nisso ainda, então você tem essa vantagem.

[risos]



Marcos: Elas não sabem.

Murilo: É.

Marcos: Elas não chegaram ao ponto de perceber que a Filosofia, nesse sentido, ela pode ser ilusória. Então, vamos dizer assim, elas são crianças ainda, elas não sabem o que fazem, perdoem.

[risos]

Murilo: É, ou até chegaram porque, como já tinha dito, o filósofo, ele não é convidado na hora de tomar as decisões ou então fala: "aquele cara não tem acesso a conhecimento verdadeiro, especial, verdadeiro nenhum, vamos chamar só os que interessam aqui, que estão estudando os temas de verdade. [risos]

Marcos: É por isso que eles chamam o líder religioso.

[risos]

Murilo: Exatamente. Então Marcos, vamos passar agora pras indicações, pode ser?

[música]

Murilo: Você tem alguma indicação de livro?

Marcos: Tenho, se a gente for indicar livro, vamos pensar aqui naqueles da socialização do conhecimento. Você pode indicar o Convite à Filosofia da Marilena Chaiu, que você estudou com ele, né? Pegou?

Murilo: Livro excelente!

Marcos: Você gostava dele, é?

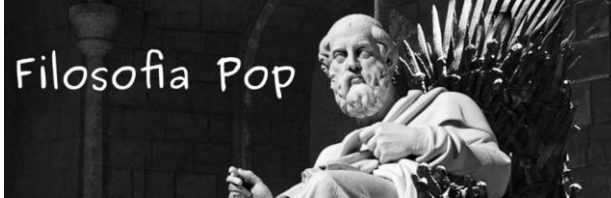
[risos]

Murilo: Então né? Era o que eu conhecia, até o momento era legal, né?

Marcos: Eu acho que o Convite à Filosofia serve justamente pra isso, pra você ter o primeiro acesso e depois perceber que ele não é tão bom.

[risos]

Marcos: É, porque ele foi sendo reescrito ao longo do tempo, o pessoal vai criticando a Chaiu, de forma muito pesada, e ela vai reescrevendo o livro ao longo do tempo, então cada vez, nas versões novas, ela modifica o texto um pouco, e acaba sendo um livro mais, vamos dizer assim, mais vendido e acaba sendo um padrão pra socialização do



conhecimento, tanto o Convite à Filosofia da Marilena Chaiu, quanto o Filosofando da Maria Lúcia de Arruda Aranha e da Maria Helena Pires Martins. Esses dois livros, geralmente, são padrão da Academia, da socialização do conhecimento. Todos eles têm problemas. Eu acho até que o Filosofando tem menos problemas do que o Convite à Filosofia, mas os dois são bons manuais pra você ter uma introdução à Filosofia. Como manual eles funcionam bem. Até porque a função do manual, a gente já falou aqui, é você começar a ler, ter uma ideia e jogar fora. Todos os livros que eu indicar aqui vão ser muito facilmente encontrados em sebos por conta disso. Nessa ideia de introdução à Filosofia pra leigos, vamos dizer assim... no ensino médio você quer alguma coisa de introdução à Filosofia, aí tem vários livrinhos que fazem essa função e que, infelizmente, eu não... tenho uma lista boa pra colocar. Vou citar um que eu li. Ele acaba misturando a Filosofia com essa ideia de Filosofia como forma de viver e acaba sendo um pouquinho livro de autoajuda então. Então ele foi bem vendido. É do Luc Ferry, chama Aprender a Viver 1, mas Aprendendo a Viver do Luc Ferry é um livro de introdução à Filosofia que tem um panorama sobre a história da Filosofia. Então a introdução à Filosofia no sentido histórico. Um outro livro que é um panorama da Filosofia, mas não no sentido histórico, chama O Básico da Filosofia. Esses títulos são sempre terríveis, né? O Básico da Filosofia. Eu acho que o autor se chama Warburton. Eu não sei pronunciar aqui. E Uma Breve Introdução à Filosofia do Thomas Nagel, é um filósofo contemporâneo. Então esses aqui serão introduções à Filosofia. Pra quem quer se introduzir à Filosofia de uma perspectiva mais literária aí era interessante ler o Mito de Sísifo do Albert Camus ou o livro do Harold Bloom chamado Onde Encontrar a Sabedoria?. Nesse livro do Harold Bloom ele pega... compara um filósofo a um literato, por exemplo, Homero e Platão. Aí você vai ver sempre que o da literatura é melhor do que o da Filosofia então...

[risos]

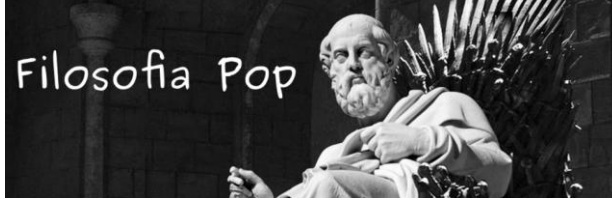
Marcos: É um pouco tendencioso, o Harold Bloom, mas é interessante o livro dele. Porque esse Onde Encontrar a Sabedoria não tem a perspectiva de ser cientificista, é mais próximo da Literatura. Então quem gosta mais de Literatura vai encontrar uma boa introdução a não Filosofia aqui.

Murilo: É, você quer aprender Filosofia você lê Literatura.

Marcos: Pois é.

Murilo: [risos]

Marcos: Quando a Filosofia é boa ela até passa por Literatura sim. Muitos filósofos passam por... tem qualidade literária, sabe escrever bem. Outros não, o Kant, por exemplo, não é uma pessoa que sabia escrever muito bem não, mas o interessante desta disputa entre filósofos e literatos é essa diferença... o pressuposto da Filosofia, da história da Filosofia é que existe uma verdade, e o pressuposto da Literatura é que você tem diversas verdades em disputa, diversos discursos em disputa. Então, geralmente, a Literatura é múltipla e a Filosofia é una. Hoje em di... da minha fala se desprende isso, a Filosofia tem que aprender a se tornar múltipla. Então essa aproximação da Literatura tem essa função, de tentar fazer com que a Filosofia abrigue outras vozes e outras formas de discurso, e que ela mesma



perca essa arrogância no seu tom de voz. Meu tom de voz não é arrogante, meu tom de voz é conciliador, moderado.

Murilo: Todos... vão reivindicar isso pra si, né?

Marcos: Não, nem todos.

Murilo: Nem todos, alguns querem ser arrogantes mesmo e pronto, né?

Marcos: É, eu acho que aí a arrogância é o que a gente chama de autoestima necessária para fazer Filosofia. Se o filósofo for muito humilde, muito humilde, muito humilde ele não vai escrever coisa nenhuma, né? Isso também é verdade. Então eu acho que poucas das pessoas que fizeram Filosofia e se dizem filósofos também fariam *podcast*. Isso é verdade também.

[risos]

Murilo: Vamos ver, quando a gente começar a ficar famoso, rico, milionário e aí começa convidar do nosso podcast vamos ver se esses filósofos não vão vender, todos, todos, todos.

Marcos: Quem você pensando? Pensando no seu irmão?

[risos]

Marcos: Deveria ser o último.

[risos]

Marcos: Todos, todos, todos.

Murilo: Então, vamos...

Marcos: Fechou, né?

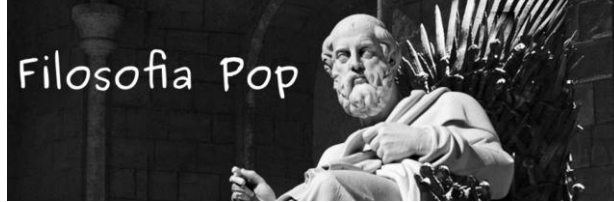
Murilo: Vamos encerrar, fechou aqui o boteco, vamos terminar.

Marcos: É bom [começar a beber] de verdade porque esse negócio não está funcionando direito não.

Murilo: Então, acho que o que faltou foi você começar a beber mais aí, por isso que ele não funcionou direito.

Marcos: Então feliz aniversário pra você.

Murilo: Obrigado, embora não seja meu aniversário, obrigado assim mesmo. E vamos até a próxima.



[Canção Filosofia de Noel Rosa interpretada por Paulinho da Viola]

O mundo me condena e ninguém tem pena
Falando sempre mal do meu nome
Deixando de saber de eu vou morrer de sede
Ou se vou morrer de fome
Mas a filosofia hoje me auxilia
A viver indiferente assim
Nessa prontidão sem fim
Vou fingindo que sou rico
Pra ninguém zombar de mim
Não me incomode que você me diga
Que a sociedade é minha inimiga
Pois cantando nesse mundo
Vivo escravo do meu samba, muito embora vagabundo
Quanto a você da aristocracia
Que tem dinheiro, mas não compra alegria
Há de viver eternamente sendo escrava dessa gente
Que cultiva a hipocrisia